

Grande nave do desembarcadoiro do caminho de ferro de norte e léste

CAMINHO DE FERRO DE NORTE E LÉSTE

ESTAÇÃO PRINCIPAL

(Conclusão. Vid. pag. 2)

O edificio por onde os estrangeiros, que atravessarem a Peninsula em caminho de ferro, hão de brevemente entrar em Lisboa, é digno de servir de porta principal da cidade que imperou outr'ora absoluta sobre os mares, estendendo o seu sceptro de rainha pelos sertões da Africa, da Asia, da Oceania e da America.

Não ostenta excellencias de architectura na traça geral do monumento, nem se adorna com primores de esculptura, é bem certo. Mas que importa que lhe faltem essas riquezas de ornamentação de que se ensoberbecem por essa Europa tantos outros edificios do mesmo genero, se a todos estes leva vantagem nas pompas da situação, n'essas galas verdadeiramente régias, que a natureza estendeu com mão prodiga diante d'elle?

Os seus irmãos mais velhos, que se erguem á entrada de Londres, de Paris e de outras grandes capitaes, vaidosos pela sua coroa artistica, dariam de bom grado todos os seus enfeites mais custosos para terem junto a si este rio, quasi mar, onde podessem espelhar-se; este porto tão invejado, onde podia reunir-se, para lhes render tributos de homenagem, a marinha mercante de toda a Europa. E não fariam alegres a troca por um simples impulso da vaidade; mas sim pela importancia que d'ahi lhes resultaria.

Em um relatorio da direcção da *companhia real dos caminhos de ferro portuguezes*, lido aos accionistas reunidos em assembléa geral na cidade de Paris, haverá dois annos, se bem nos recordâmos, encareciam-se as vantagens da situação do edificio de que nos occupâmos. Dizia-se n'aquelle documento, que elle não tinha rival entre as estações principaes dos caminhos de ferro de todos os mais paizes; pois que, além do magnifico panorama que lhe offerecia o Tejo, desfructava a inapreciavel vantagem de podêrem atracar ás suas pontes, a qualquer hora, os maiores navios que sulcam as aguas do Oceano.

Estamos intimamente convencidos de que virá tempo em que o Tejo se ha de ver outra vez povoado, como n'essa epocha venturosa em que todas as nações europêas aqui vinham prover-se das especiarias da India. Cremos firmemente que esta cidade, fadada pela Providencia para um grande centro commercial, virá a ser, em mais ou menos proximo futuro, não o primeiro emporio do mundo, como quando arrancou das mãos de Veneza as chaves com que a rainha do Adriatico abria as portas da Europa ás mercadorias do Oriente; mas sim um dos principaes emporios europeus dos generos coloniaes.

O que logrou no seculo XVI pelo esforço e perseverança dos seus naturaes, ha de alcançal-o novamente

em grande parte, sem dúvida, pelas proprias diligencias dos estranhos.

Quando estiver aberta á circulação a via ferrea que, passando por Madrid, nos ha de ligar a toda a Europa, o que se realisará ainda este anno; quando a nossa linha do sul e sueste, que não tarda a chegar ás margens do Guadiana, se estender até Sevilha, unindo-nos depois com todas as cidades de Hespanha, da França e da Italia, banhadas pelo Mediterraneo, acontecimento que não se ha de fazer esperar por muitos annos; quando, finalmente, este porto for dotado com boas docas, guarnecidas de armazens vastos e commodos, com todas as mais condições necessarias á prompta e facil descarga e carregação dos navios, o grande deposito das docas de Londres ha de repartir com as de Lisboa uma parte das suas riquezas. O commercio britannico, que é o primeiro d'entre todas as nações a apreciar e a saber praticar a economia do tempo e das despezas improductivas, reconhecerá o muito que interessa em ter no porto de Lisboa abundante deposito de generos coloniaes para o abastecimento dos mercados do Mediterraneo. Evitando d'est'arte que os generos do Brasil e da Africa occidental passem duas vezes em frente da barra do Tejo, na sua ida para as docas de Londres, e na sua volta para os diversos portos do Mediterraneo, poupará avultadas despezas de transporte e de seguros maritimos; livrar-se-ha dos sinistros e delongas tão frequentes no canal da Mancha; e obterá por menor preço os trabalhos braçaes da baldeação.

Por conseguinte, o estabelecimento de docas e armazens para abrigo seguro dos navios e para conveniente deposito das mercadorias, e facil e economico desembarque das mesmas; o telegrapho electrico para a rapidez das ordens, e os dois referidos caminhos de ferro para levar a qualquer ponto da Europa remessas urgentes, hão de trazer certamente a Lisboa esse grande movimento commercial que lhe antevemos, determinado pela sua situação geographica, auxiliada pelos progressos do seculo.

Não é esta a primeira vez que annunciámos n'este jornal similhante idéa. Repetimol-a, porque desejámos que ella se divulgue, enraize e fructifique, de modo que em breve possamos ter essas docas e armazens, de que fica em grande parte dependente, se forem construidas com todas as condições requeridas, a realisação d'esse futuro de prosperidade e engrandecimento para Lisboa.

Quando raiar esse dia, então se avaliará ao justo a situação, tão feliz, tão vantajosa para este reino e para a companhia, da estação principal do caminho de ferro de norte e léste. Assim ficarão completos e em acção todos os elementos que devem dar ao Tejo a importancia que lhe é devida, fazendo d'elle um dos primeiros portos commerciaes do globo; e dando a Lisboa as honras, as riquezas e esplendor inherentes aos grandes emporios de commercio.

Tendo demonstrado, ainda que em abbreviado quadro, a importancia que hão de ter, em um futuro que não cremos muito distante, o caminho de ferro de norte e léste, e o porto de Lisboa, onde se espelha a estação principal, passaremos a dar algumas noticias ácerca d'este edificio.

O logar da fundação é o que era occupado pelo antigo quartel de artilheria, chamado do *Caes dos Soldados*, edificio grande mas irregular e de construcção mesquinha, com um espaçoso terreiro na frente, fechado com grades de ferro que o separavam da *rua do Caes dos Soldados*.

Fizeram o risco e dirigiram as obras do novo edificio para a estação da via ferrea os srs. engenheiros Angel Arribas Ugarte, director; J. Evangelista de Abreu, engenheiro chefe; Lecrenier, engenheiro divisionario; Oppermann, constructor.

Lançou-se a primeira pedra nos alicerces em outubro de 1862. Concluiu-se o edificio e abriu-se ao publico no primeiro de maio de 1865. Dispenderam-se na construcção 250:000$000 réis.

Tem quatro frentes este grandioso edificio, medindo 135^{m} de comprimento, 50^{m},40 de largura e 13^{m} de altura. As duas fachadas que formam o seu comprimento são eguaes na architectura, e olham para o norte e sul, deitando esta para o Tejo, e aquella para a *rua do Caes dos Soldados*. As outras duas fachadas estão voltadas para oéste e léste. A primeira, construida no mesmo gosto da architetura das precedentes, tem diante de si um espaçoso terreiro, quasi todo conquistado ao Tejo, e por este banhado da parte do sul. A segunda é a que dá entrada e saída aos comboyos. Esta frente e a do lado do sul vêem-se representadas com tanta exactidão na gravura que publicámos a pag. 1, copiada de uma photographia, que fazem desnecessaria a descripção.

Acham-se distribuidos no pavimento terreo o salão real, cocheira para 22 carruagens, as salas do chefe da secção, de distribuição de bagagens, da saída dos passageiros, da alfandega municipal, da recepção de bagagens, de espera dos passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes, da fiscalisação do governo, do serviço da saude, do telegrapho, do chefe da estação, dos botequins e casas de pasto, etc.

No andar nobre estão as salas do conselho da administração, da direcção e secretaria, das repartições de todos os serviços do caminho de ferro, taes como repartição do movimento, via e obras, trafego, tracção, armazens, contabilidade geral, e aposentos para todos os chefes de serviço.

A grande nave onde os passageiros entram e saem dos comboyos occupa o centro do edificio. Tem de comprimento 117^{m}, de largura 24^{m},60, e de altura 13^{m}. Tambem não nos demoraremos a descrevel-a, porque d'isso nos dispensa a gravura que vae no rosto d'este numero, a qual é cópia fiel de uma excellente photographia. Portanto, limitar-nos-hemos a dizer a seu respeito, que o tecto, todo de ferro, com vidraças no centro, é de construcção mui solida e esbelta, não obstante a sua grande largura; e que este vasto recinto é claro e alegre de dia pela abundante luz que lhe transmittem as vidraças do tecto, e que lhe entra pela frente de léste do edificio, que é aberta em toda a largura da mesma nave; e durante a noite pelos 30 candieiros de gaz que o illuminam.

É feita a illuminação a gaz de todo o edificio por 143 candieiros, distribuidos do modo seguinte: nas frontarias exteriores, 15; nas salas de espera e mais aposentos do pavimento terreo, 98; e os 30 acima referidos.

As salas estão decoradas e guarnecidas de moveis com mais simplicidade ou maior esmero, segundo o fim a que são destinadas. Em todas e no edificio em geral se nota muito aceio. A sua divisão e distribuição interior está feita com muita largueza, e tão intelligentemente, que proporciona aos passageiros e ao commercio todas as commodidades e facilidades que em taes edificios se podem desejar. Conseguiu o architecto estabelecer exteriormente o mesmo systema de ordem e regularidade que soube crear no interior, dispondo as coisas de maneira que a entrada para os passageiros é na fachada do lado do norte, e a saída na do lado de oéste. Por conseguinte, os omnibus, carruagens e mais vehiculos para conducção de passageiros, bagagens e mercadorias, tem duas praças, onde podem estar á vontade, sem perigo nem confusão; pois que da parte do norte tem já muita largueza a rua, e com a demolição dos predios fronteiros, cuja expropriação está decretada, ficará uma praça de bastante grandeza.

O caminho de ferro corre pela beira-mar até Xabregas, onde se dirige para o interior, atravessando a estrada marginal sobre uma ponte de ferro [1]. Antes de lá chegar, perto da estação, tem grandes armazens, edificados sobre o Tejo, e junto d'elles uma extensa e magnifica ponte de ferro, construida pelo mesmo systema da grandiosa ponte do caminho de ferro de léste, que atravessa o Tejo proximo da villa de Constança [2].

O caminho de ferro de norte e léste está construido com a necessaria solidez, sem embargo das vozes que se espalham de vez em quando em contrario d'isto. As chuvas torrenciaes e grandes cheias do principio do inverno passado, e principalmente as que sobrevieram logo depois de aberta á circulação a maior parte da via ferrea, sem que lhe causasse estragos de que resultasse algum sinistro grave, deram bom testimunho da solidez da construcção.

I. DE VILHENA BARBOSA.

CARTAS A UMA SENHORA

BREVISSIMA DESCRIPÇÃO DO SYSTEMA SOLAR

(Vid. pag. 23)

IV

Acabámos o estudo dos pequenos planetas, Mercurio, Venus, Terra e Marte. Passemos agora aos planetoides.

A uma distancia de 100 milhões de legoas do Sol, existe no espaço interplanetario uma zona de 80 milhões de legoas, que foi em tempos theatro de grande catastrophe planetaria.

Kepler [3], Titius e outros já haviam affirmado a existencia de um grande planeta n'este *hiato*, entre Marte e Jupiter, para que a harmonia planetaria não ficasse invalidada. O planeta, porém, não apparecia, apesar dos esforços de todos os observadores. Só foi em 1801, durante a noite que encerrava o primeiro anno d'este seculo, que um astronomo afortunado descobriu o planetoide Ceres. A Ceres seguiu-se Pallas, e a este, de então para cá, mais oitenta, todos os quaes são evidentemente fragmentos de algum grande planeta que soffreu uma catastrophe violenta, uma convulsão interior proveniente da accumulação de gazes ou de qualquer outra causa, de cuja natureza ninguem póde conjecturar. Outros astronomos, fundando-se em considerações cosmogonicas porventura mais verdadeiras, affirmam que os planetoides são oriundos de um desmembramento puramente dynamico do annel cosmico, que devia formar, nos tempos primitivos, o planeta. Seja, porém, o que for, nada se sabe, e estas theorias são antes engodo para esconder a ignorancia dos astronomos aos hospedes da sciencia.

Para além da zona dos planetoides começam os grandes planetas, Jupiter, Saturno, Urano e Neptuno.

O colosso Jupiter circula a uma distancia de 200 milhões de legoas do Sol. A velocidade de rotação diurna é prodigiosa. O seu dia é de 10^h, e o seu anno equivale a doze dos nossos, de sorte que os seus habitantes, se os tiver, apenas contam oito annos quando nós contâmos um seculo.

Este planeta, que excede o nosso 1:414 vezes, tem uma atmosphera sulcada de nuvens caliginosas e densas, repartidas uniformemente em volta do equador, quando as tempestades, que aliás são frequentes, não as agitam profundamente. Jupiter recebe 22 vezes menos calor solar do que a Terra, com quanto seja distribuido de um modo mais regular. Os habitantes jovicos vivem em primavera eterna, e gozam de uma temperatura constante dos polos ao equador, como se deprehende do calculo e da observação. O diametro de Jupiter mede 35:792 legoas, a massa é 338 vezes a da Terra, a densidade é egual á do carvalho. A corte de Jupiter é formada de quatro satellites, que o seguem e illuminam, de sorte que as noites transformam-se em crepusculos [1]. Razão tem as piedosas lendas em acreditar em mundos mais rubidos e superiores, aonde a luz é eterna e eterna a primavera. Em Jupiter começa o Olympo, como o creou a imaginação poetica dos povos.

Depois do velho Jupiter segue-se Saturno, que tambem era conhecido dos antigos astronomos.

O systema de Saturno, que dista 364.351:600 legoas do Sol, arrasta em uma revolução de 30 annos, não só o seu globo grandioso, que excede o nosso 734 vezes, senão tambem os seus immensos anneis, cujo diametro anda por 71:000 legoas, e bem assim os seus satellites, cujo *campo de manóbra* excede 2 milhões de legoas [2].

As estações de Saturno são melhor delimitadas que as da Terra, e cada uma dura 7 annos e 4 mezes. Durante as longas invernias formam-se grandes acervos de neve nos polos de Saturno.

O seu movimento de rotação completa-se com immensa velocidade, porque a duração diurna é de $10^h, 16^m$.

Em Jupiter e Saturno a vida deve ser esplendida e maravilhosa. Tudo alli é grandioso e descommunal, e certo que se fosse dado aos pobres habitantes da Terra o escolher mansão afortunada depois da morte, em Jupiter ou Saturno podia v. exc. receber nova encarnação, e viver uma vida de delicias perennes e encantamentos perpetuos. Se em Jupiter reina a primavera com o seu bafejar amoroso, em que a vida corre sem mágoas nem dores, em Saturno imperam os magnificos esplendores de uma natureza potente e gigantéa. Ahi, sim, que a luz brilha eternamente, produzindo jogos olympicos pela reflexão combinada entre os anneis, o planeta e os satellites. A nossa imaginação refusa-se a comprehender aquelle mundo singular e unico. Como viverão os habitantes dos anneis? Como se corresponderão com os do planeta? E que idéa farão estes do arco luminoso que lhes tolhe a contemplação do ceo? A estas e outras perguntas, que v. exc. póde dirigir-me, respondo com tres admiraveis versos de Young, que tem aqui especial cabida, por isso que ignorâmos tudo:

Each of these stars is a religions house;
Isaw theis altars smoke, their immense rise,
And heard hosannahs ring throug evey sphere!

A poesia é excellente para quem sente muito, como v. exc., e sabe pouco, como eu.

Restam-nos ainda dois planetas telescopicos.

Urano descreve a sua orbita em 84 annos e 3 mezes, distante do Sol 732.752:400 legoas; o seu diametro mede 13:700 legoas, a sua densidade é comparavel á do tijolo, e a quantidade de luz e calor que recebe do astro central é 360 vezes menor do que a que recebe a Terra em toda a sua superficie. Urano conta 8 satellites, cujas distancias ao planeta variam entre 50:000 e 723:000 legoas. Apresentam estes satellites uma singularidade, qual é o moverem-se de oéste para éste. Este phenomeno levou a sciencia a acreditar em um movimento analogo de Urano, mas a

[1] Vid. a gravura d'esta ponte a pag. 33 do vol. I.
[2] Vid. a gravura d'esta ponte a pag. 345 do vol. V.
[3] Vid. o tratado *De Stella Martis*, corôa gloriosa de Kepler, e *Les Fondateurs de l'astronomie moderne*, por Bertrand, optimo livro, que merece honroso logar em todas as bibliothecas.

[1] Satellites de Jupiter: — Distancia do 1.º satellite ao planeta, 108:268 legoas; do 2.º, 172:183; do 3.º 274:742; do 4.º, 483:260.
[2] Anneis e satellites de Saturno: — Diametro médio do annel exterior, 66:750 legoas; do interior, 54:000; distancia dos anneis ao planeta, 8:300; intervallo entre os dois anneis, 720; espessura, 50; largura, 11:900. Distancia do 1.º satellite ao planeta, 47:988 legoas; do 2.º, 61:600; do 3.º, 75:646; do 4.º, 97:800; do 5.º, 136:374; do 6.º, 315:866; do 7.º, 442:600; do 8.º, 922:000.

distancia que separa o planeta da Terra é tal (700 milhões de legoas), que ainda não foi possivel verificar.

A Urano succede-se Neptuno, planeta que figura nos nossos catalogos ha poucos annos.

Conforme diz alguem com muita graça e verdade, Neptuno, gigante planetario, foi tirado dos bicos da penna de um astronomo. Em virtude de certas perturbações observadas, le Verrier, com a presciencia do genio e ousio do sabio, estabeleceu o seguinte dilemma: ou as leis de Newton são erradas, ou em tal sitio do ceo deve existir um planeta, cuja massa será tal. E com effeito, a observação vingou a sciencia. Este repto contra a natureza importou n'uma gloria para a humanidade. O sabio viu primeiro com os olhos do espirito, do que o observador com o telescopio.

Neptuno surgiu das raias extremas do systema planetario.

A distancia de Neptuno ao Sol é 147:000 milhões de legoas (não se aterre v. exc. com estes numeros, que são um zero em relação ao cosmos); a orbita é de 7:000 milhões; o anno é egual a 164 dos nossos; as estações duram 40 annos; o volume excede 100 vezes o da Terra! Este planeta é seguido de uma lua ou satellite, que completa o seu duplo movimento de translação e rotação em 5 dias e 21 horas, n'uma distancia de 100:000 legoas. Imagine v. exc., se poder, a velocidade vertiginosa d'estes movimentos.

Perguntar-me-ha v. exc., com a sua costumada agudeza, se não ha algum meio mnemonico para reter as distancias entre os diversos planetas.

Bem sabe que foi sempre especial tendencia do espirito humano o adstringir a natureza potente em certos limites, que, com quanto não repugnem á simplicidade, estão muito longe da verdade, e podem mesmo induzir em erros. Os philosophos tem como axioma, que a natureza segue sempre as vias mais simples nas suas eclusões. Mas a simplicidade é muitas vezes a sombra atraz da qual em vão caminham, porque se esvaece quando pensam alcançal-a.

Bode foi victima de um engano similhante, porque se deixou seduzir, attrahido por uma lei simples que encontrou nas distancias dos planetas ao Sol. Bode foi um observador sagaz, que perpetuou o seu nome com uma lei cosmica que observações futuras invalidaram.

Esta lei é a seguinte:

Tomando a serie dos numeros 0, 3, 6, 12, 24, 48, 96, 192, 384, obtidos dobrando o precedente; juntando 4 a cada um d'elles, temos a outra serie: 4, 7, 10, 16, 28, 52, 100, 196, 392, cujos numeros são proximamente proporcionaes ás distancias dos planetas ao Sol.

E de feito, se 10 representa a distancia da Terra ao Sol, a de Mercurio será 3,87, a de Venus, 7,23, a da Terra 10, a de Marte 15,23, a de Jupiter, 52,03, a de Saturno, 95,38, a de Urano, 191,82, a de Neptuno, 300.

(Continúa) A. Osorio de Vasconcellos.

ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

PRIMEIRO BIBLIOTHECARIO MAIOR

Antonio Ribeiro dos Santos, doutor na faculdade de direito canonico pela universidade de Coimbra, graduado em 1771; lente substituto e depois cathedratico da mesma faculdade, regendo as cadeiras de direito natural e primeira synthetica das decretaes, até ser jubilado em 1795; primeiro bibliothecario da universidade depois da reforma, em 1777; commissario geral dos estudos na repartição da corte e provincia da Estremadura; censor regio; deputado da junta de revisão e censura do novo codigo, em 1788; desembargador aggravista da casa da supplicação de Lisboa; deputado do santo officio, da mesa da consciencia e ordens, e da junta da bulla da cruzada; deputado da junta e estado da serenissima casa e estado de Bragança, e chronista da mesma casa; deputado da junta creada em 1802 para a organisação do codigo penal militar; conego doutoral apresentado em concurso, e confirmado successivamente nas sés de Viseu, Faro e metropolitana de Evora, tendo préviamente recebido a ordem de sub-diacono; primeiro bibliothecario *maior* [1] da bibliotheca publica de Lisboa, a cuja fundação e organisação presidiu em 1796, servindo n'essa qualidade até ser aposentado em 1816; cavalleiro professo na ordem de Christo, e freire na de S. Thiago da Espada; do conselho de sua alteza real o principe regente, em 1802; socio effectivo da academia real das sciencias de Lisboa desde a sua fundação, em 1779; e socio estrangeiro da academia celtica de Paris, em 1804, etc., etc.

Eis-aqui traçada em resumidas palavras a lista dos cargos, honras e dignidades a que subiu, elevado nas azas do proprio merito e bafejado pela fortuna, um dos portuguezes que na segunda metade do seculo passado, e ainda no primeiro decennio do corrente [2], mais se distinguiram por estudos, erudição e sciencia, dando de si copiosissimo fructo, e inscrevendo com gloria o seu nome nos fastos da posteridade.

É talvez para estranhar que da parte da academia real das sciencias de Lisboa, devedora de especial e perduravel agradecimento a este benemerito socio, por tantos e tão valiosos escriptos com que enriqueceu as collecções das suas *Memorias*, se não pagasse até hoje á fama do varão illustre o tributo dos louvores publicos que por bom direito merecia. O seu elogio historico está ainda por fazer. Mas temos fé que esta falta, que de certo o é, será um dia amplamente reparada. Nós mesmo o houveramos tentado, se nos não sentissemos com os hombros debeis em demasia para tão momentoso encargo. A apreciação analytica dos trabalhos do jurisconsulto abalisado, do philologo profundo, do poeta sempre ameno, correctissimo e ás vezes sublime, é empreza mui superior a nossas forças.

O amigo intimo e collega do finado academico, seu successor no cargo de bibliothecario-mór, e executor de suas disposições testamentarias, monsenhor Ferreira Gordo, fez n'essa parte o que podia, offerecendo á academia os elementos indispensaveis em um extenso e minucioso apontamento ou indice chronologico das epochas da vida do defuncto consocio, com a resenha das suas composições não só impressas, mas das inéditas por elle deixadas, e que bem mereciam ser tambem publicadas. É um caderno de arrazoado tamanho, que ainda existia ha poucos annos no respectivo cartorio, onde o vimos, e nos serviu utilmente para o artigo que a Ribeiro dos Santos dedicámos com maior amplidão que de costume, no tomo I do nosso *Diccionario Bibliographico*, de pag. 247 a 256; bem como já fôra anteriormente consultado com egual proveito pelo sr. M. Torres para a biographia do sabio academico, publicada no *Panorama*, vol. III da segunda serie, e por Barbosa Canaes, para a noticia que do mesmo escreveu nos seus *Estudos Biographicos*, a pag. 258. A estas fontes poderão recorrer os leitores que desejarem maiores esclarecimentos, em quanto se lhes não offerece trabalho mais precioso e condigno do assumpto, elaborado por penna

[1] Assim é chamado no decreto da sua nomeação.

[2] Antonio Ribeiro dos Santos nasceu em Massarellos, suburbios da cidade do Porto, a 30 de março de 1745, sendo seus paes Manuel Ribeiro de Sousa Guimarães, coronel de mineiros, e D. Josepha Maria de Jesus. Chamado por seu avô para o Rio de Janeiro, ahi fez os primeiros estudos sob a direcção dos jesuitas no seminario da Lapa, até regressar á patria em 1764, para vir matricular-se no curso da universidade. Morreu em Lisboa a 16 de janeiro de 1818, cumulado de honras e cargos, mas privado da vista (que infelizmente perdêra alguns annos antes), na sua casa da rua do Sacramento, n. 23, freguezia de Nossa Senhora da Lapa, em cuja egreja parochial foi sepultado no respectivo carneiro.

melhor aparada, que, segundo nos informam, satisfará cabalmente ao que d'ella se espera.

A empreza do *Archivo*, proseguindo attenta no desempenho do proposito que tomára de fazer reviver e perpetuar do modo possivel a lembrança dos nossos patricios, que por talentos, virtudes e feitos memoraveis se tornaram credores de honrada fama, publica hoje pela primeira vez o retrato d'este insigne portuguez, cópia fiel e reduzida de outro pintado a oleo, que se conserva decentemente collocado no primeiro e mais espaçoso gabinete da bibliotheca nacional: commemoração bem merecida dos importantissimos serviços por elle prestados ao estabelecimento de cuja organisação e direcção se occupou com zelosa e efficaz solicitude no ultimo periodo da sua longa vida.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

UM AMOR DE PAGEM

(Vid. pag. 18)

Entremos nós, usando do privilegio de romancista, no recinto vedado a tantas curiosidades. Não paremos a contemplar a porta por cima da qual esplendem as quinas entre duas figuras allegoricas. Atravessemos, sem nos demorarmos, a primeira casa, onde as pessoas reaes portuguezas estiveram em quanto durou a conferencia dos secretarios de estado, e sem fazermos caso das magnificas tapeçarias que forram as paredes, nem dos cortinados de damasco carmesim com sanefas de brocado de oiro que pendem da janella, entremos depressa na casa central.

Esta casa assentava na porção da ponte que ficava



Dr. Antonio Ribeiro dos Santos

exactamente no meio do rio, e tão escrupulosamente haviam tomado os architectos as suas medidas, que metade da casa ficava na porção hespanhola do Caia, a outra metade na porção portugueza. Estava esta paramentada como o primeiro aposento, aquella tinha as paredes forradas de tiras de brocado branco e verde com um ramo de oiro no centro. No tecto da sala haviam-se esmerado os pintores das duas nações, e as scenas olympicas, alli representadas, faziam a admiração de todos os cortezãos.

No instante em que entrámos havia no salão um outro congresso olympico, mais digno das homenagens dos simples mortaes. Em cadeiras forradas de tissu de oiro estavam sentados el-rei D. João V, a rainha D. Marianna d'Austria, a infanta D. Maria Barbara, o principe do Brasil, os infantes D. Pedro, D. Francisco e D. Antonio. Exactamente defronte, em cadeiras de tissu de prata (inferioridade esta produzida pelo acaso, mas com que os portuguezes muito se vangloriaram) sentavam-se Filippe V, a sua leviana esposa Isabel Farnesio, o principe das Asturias, a infanta D. Marianna Victoria, e os infantes D. Carlos e D. Filippe, o primeiro dos quaes tambem havia de reinar em Napoles e depois em Hespanha. O acompanhamento d'essas reaes pessoas consistia n'esse momento apenas no marquez da Paz, e em Diogo de Mendonça Corte-Real, secretario de estado dos dois reis, e nos dois estribeiros-móres, o duque de Ossuna e o duque de Cadaval, acompanhado cada um d'elles por um gentil-homem da sua casa. O pagem do Cadaval conhecemol-o; chama-se D. Luiz de Mello, parente afastado do duque, e é nem mais nem menos que esse gentil rapazinho a quem o bom do Braz Mattoso acolhêra com tão enthusiastica ternura.

Era realmente galante rapaz o nosso D. Luizinho, travêsso como um pagem, formoso como uma donzella. Os seus longos cabellos loiros, que substituiam a peruca, desprezada por elle contra o uso do tempo, fluctuavam-lhe, livres de prisões, e afagavam-lhe o rosto imberbe. Os olhos negros percorriam com vivacidade o aposento, e não se abaixavam nem mesmo diante dos olhos que n'elle cravou Isabel Farnesio, que se sorriu d'essa audacia de pagem que lhe não desagradava. A sua airosa estatura desenhava-lh'a perfeitamente a casaca de veludo carmesim, realçada pela véstia de tissu de prata com matizes azues. Encostava garbosamente a mão fina e alva ao punho do espadim, e devemos confessar que Braz Mattoso não se deixava cegar pelo affecto que lhe votava, e que tinha effectivamente D. Luiz de Mello uma apparencia mais *avenante*, como os francezes dizem, do que esses dois representantes das reaes casas de Bragança e Bourbon que se iam ligar ás duas princezasinhas.

Não pretendemos descrever passo a passo as ceremonias da entrevista; quem tiver curiosidade de as conhecer percorra o volumoso in-folio de fr. José da

Natividade, e alli as encontrará descriptas minuciosamente com a pompa de estilo que se desperdiçava com estas ninharias. Que epocha! E somos nós accusados de frivolos, e quando se quer trazer um exemplo de gente grave e sisuda, são logo os nossos avós evocados do seu tumulo! E, na verdade, epocha singularmente sisuda era essa em que se podia ver os reis de Hespanha e de Portugal entrarem, como dois automatos, a um signal dado, pelas duas portas da casa da entrevista, sentarem-se exactamente ao mesmo tempo, como se obedecessem a um machinismo secreto, tudo para não concederem um ao outro, nem por acaso, a mais leve precedencia! E homens de intelligencia tão fina, de tão satyrico genio, como Diogo de Mendonça Corte-Real, podiam contemplar estes dois bonecos monarchicos, dirigidos nos seus movimentos pelo realejo da etiqueta, sem que ao menos um sorriso lhes desfranzisse os labios!... Continuemos a narração.

Finda a ceremonia da leitura e da assignatura dos contratos de casamento, a que o nosso D. Luizinho teve a honra, bastante cubiçada por todos os cortezãos, de assistir, abriram-se as duas portas e entraram as duas cortes. O marquez de Capecelatro, embaixador de Hespanha, veiu collocar-se ao lado de D. João v para lhe ir dizendo os nomes dos fidalgos castelhanos que lhe vinham prestar homenagem; o mesmo officio desempenhava ao lado de Filippe v o nosso embaixador extraordinario em Madrid, o erudito marquez de Abrantes. Os fidalgos e fidalgas, nomeados para formarem a casa das duas princezas, foram beijar a mão ás suas novas amas, que as receberam com muita affabilidade. Durava a apresentação havia cinco minutos quando assomou á porta hespanhola um vulto que attrahiu a attenção de todos os portuguezes.

Era uma formosa senhora dos seus vinte e cinco annos, graciosa e modesta, acompanhada por um homem já maduro, de physionomia astuciosa e velhaca. A gentil hespanhola nem pareceu reparar no murmurio de admiração que se ergueu como um incenso delicioso, quando ella despontou, como um sol, no limiar da sala. Apenas levantou um instante os seus magnificos olhos para os fitar com affecto maternal na régia criança hespanhola que ia ser esposa em tenrissima edade. Marianna Victoria correspondeu a esse olhar com um meigo sorriso, e seguiu-a anciosamente com a vista, em quanto ella, mal poisando o pésinho andaluz nos tapetes da sala, se dirigia para D. João v.

— Meu senhor, disse o marquez de Capecelatro, aqui tem vossa magestade a pessoa em quem tive a honra de lhe fallar, a sra. condessa de San-Pablo, a quem sua alteza real consagra singular affeição, e que consente em ir passar a Lisboa estes primeiros seis mezes, no intuito de alliviar as saudades que a sra. princeza do Brasil possa ter da patria e da familia.

D. João v sorriu-se benevolamente, e, estendendo á formosa condessa a mão, que ella beijou com respeito, disse:

— Folgo que tão gentil estrella queira brilhar, ainda que seja por momentos só, no ceo da nossa corte.

A condessa de San-Pablo inclinou-se graciosamente e respondeu:

— Meu senhor, as estrellas não brilham na corte, onde ficam tão proximas do sol.

E, fazendo uma profunda mesura, foi beijar a mão á rainha.

— O conde de San-Pablo, meu senhor, tornou o marquez, apresentando a el-rei a velha raposa que já indicámos aos nossos leitores.

— Não quer acceitar a nossa hospitalidade, conde? disse el-rei, dando-lhe a mão a beijar. Não quer velar pelo thesouro que Deus lhe deu e que ha de ser por muitos cubiçado?

— Meu senhor, respondeu o conde com um sorriso matreiro, obstam a isso os meus deveres para com meu augusto amo. Não tremo pelo meu thesouro, porque o confio de vossa magestade.

O marquez de Capecelatro, que estava em Portugal havia um bom par de annos, não póde reprimir um leve sorriso.

— Marquez, disse-lhe el-rei ao ouvido depois do conde se afastar, a sua formosa compatriota para em tudo se parecer com a Aurora, até lhe não falta o velho Tithão.

— Amigo, dizia ao mesmo tempo D. Luiz, que devorava com os olhos a condessa, a um gentil-homem que lhe ficava ao lado, para obter um olhar d'aquella mulher sinto que daria a vida, para obter um sorriso a vida e a alma.

Ora d'esta exclamação de D. Luiz de Mello, e d'aquella observação de D. João v, deduz o auctor d'este romance, que, já antes de 1789, existia um poder que submettia ás mesmas leis os pagens e os monarchas. Esse poder era a formosura.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

PORTO

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL PORTUGUEZA DE 1865

(Vid. pag. 9)

IV

GALERIAS E SALÃO DE PINTURA NACIONAL

Correm em quasi todo o comprimento da nave central duas galerias, uma de cada lado. A gravura que publicámos a pag. 369 do vol. VIII mostra com tanta exactidão o interior da galeria da parte esquerda, que julgâmos escusado descrevel-a. Dão-lhes accesso largas escadarias, que principiam junto dos arcos que separam a nave central das lateraes. Terminam as duas galerias, do lado do sul, que é o fundo do palacio, em duas portas de vidraças, que dão saída para uma varanda, d'onde se desfructa admiravel panorama; e do lado do norte em duas portas, que communicam, a da parte de léste com a galeria do *salão dos concertos;* e a da parte de oéste com um grande salão, onde se fez a exposição de pintura, gravura, desenho e photographia nacionaes.

Era quasi exclusivamente destinada á exposição de pintura estrangeira a galeria representada em a gravura acima mencionada. Além dos paineis a oleo, apenas se viam alli uns tres ou quatro quadros de baixo relêvo em barro e gesso, algumas edições nitidas de uma photographia de Paris, bandejas acharoadas, e porção de resinas, gommas e outros productos.

Quanto a pintura, concorreram a este certamen a França, a Belgica, a Italia, a Allemanha, a Hespanha, a Gran-Bretanha e o Brasil. Foi a França a que exhibiu maior numero de paineis; depois a Belgica, e assim as mais nações segundo a ordem em que as collocámos aqui.

N'esta numerosa collecção havia muitas obras de incontestavel merecimento; não poucas, d'entre as melhores, que offereceriam difficuldades a quem se propozesse a estremar d'ellas a mais bella; porém nenhuma, ao que nos pareceu, que sobresaísse a todas nos dotes que constituem um verdadeiro primor de arte. Por esta razão, e porque vamos apressados n'esta visita, deixâmos de fazer menção especial de varios paineis que nos enlevaram.

Um dos baixos relêvos em barro, se nos não falha a memoria, representando a *fugida de Nossa Senhora para o Egypto*, era obra muito bem acabada, feita pelo esculptor belga *A. Van Enaeme.*

Continha tantos e tão variados productos a galeria do lado de oéste, que nos fôra impossivel recordar-

mo-nos de todos, ainda que desejassemos fazer d'elles resenha geral. Via-se alli, a par de excellentes e variadissimas producções da industria fabril, grande quantidade de objectos de arte de differente genero, taes como pinturas a oleo, desenhos, gravuras, esculpturas em marfim e marmore, objectos fabricados de cera, cortiça, etc.

Os quadros a oleo que se achavam n'esta galeria, e que ahi foram collocados porque não couberam nos logares que lhes tinham sido expressamente destinados, eram de auctores nacionaes e estrangeiros. Quasi todos esses quadros eram modernos, e alguns de boa pintura. Entre elles avultava um antigo de muito merecimento. Representava o *terremoto de Lisboa de* 1755, e foi seu auctor *João Stroberle Glama*, nascido na cidade do Porto em 1708. Além d'este quadro antigo, figuravam mais dois de grande apreço e formosura, devidos ao delicado pincel de *Francisco Vieira Portuense*, um dos quaes é reputado por uma das melhores producções d'este eximio artista. Representa a princeza Leonor de Castella, mulher do principe Eduardo, ao diante rei de Inglaterra com o nome de Eduardo I, no acto de salvar a vida do esposo, chupando o sangue da ferida que lhe abríra o punhal envenado de um assassino. Pertence este soberbo painel á associação britannica do Porto, e adorna uma das salas do edificio da *Feitoria ingleza*, na mesma cidade.

Não estamos bem certos se estes dois quadros de Vieira estavam na galeria de oéste ou no salão contiguo.

O ministerio das obras publicas expoz alli as plantas e alçados do antigo risco do palacio real de Nossa Senhora da Ajuda, e os que foram feitos ha pouco segundo o novo projecto de acabamento do mesmo palacio, que reduz consideravelmente o plano primitivo.

D'entre as obras de esculptura sobresaíam tres baixos-relêvos em gesso, do sr. Araujo Cerqueira, representando *a morte de D. João de Castro, o juramento de Viriato, e Martim de Freitas.*

O sr. José Julio Fortunato, da cidade de Coimbra, exhibiu um calvario de cortiça, obra de bastante delicadeza, e que revela a infinita paciencia do auctor. Proximo d'este artefacto estava um menino de cera do tamanho natural de uma criança de um a dois mezes de edade, representado na acção de dormir, o qual pela sua perfeição artistica e por estar deitado em um berço de madeira, com seu cortinado de cassa, attrahia a curiosidade dos concorrentes, illudindo a muitos.

Communica esta galeria na extremidade do norte com um grande salão, que tinha sido destinado exclusivamente para a exposição de pintura nacional, mas no qual foi mister collocar muitos productos de arte estrangeira, tanto de pintura como de esculptura, que chegaram depois de aberta a exposição internacional.

Os quadros a oleo e aguarellas nacionaes passavam de cem, havendo muitos de incontestavel merecimento, alguns dos quaes já tinham figurado em Lisboa na exposição da *sociedade promotora de bellas artes em Portugal*. Entre os expositores portuguezes contavam-se os distinctos artistas: srs. *João Christino da Silva, Alfredo de Andrade, Joaquim Priéto, Miguel Angelo Lupi, Thomaz José da Annunciação, Marciano Henrique da Silva, Manuel Maria Bordallo Pinheiro, Francisco José Resende, Luiz Ascencio Tomasini, João Eduardo Malheiro*, e algumas damas que ostentaram o seu talento em bonitas composições.

De França e Italia vieram nos ultimos tempos da exposição alguns bellos paineis a oleo, que foram expostos aqui a par dos portuguezes, sendo o mais notavel d'entre elles o que representava Bernardo Palissy, o inventor da applicação do esmalte na porcelana, lançando lenha ao forno d'onde devia saír a maravilhosa composição. D'este, o effeito da luz é admiravel.

Achavam-se no mesmo salão muitos desenhos, gravuras, lithographias e photographias.

As gravuras em madeira, do sr. *João Pedroso*, professor de gravura em madeira na academia real das bellas artes de Lisboa, davam honroso testimunho da habilidade do artista e dos notaveis progressos que tem feito este ramo da arte em Portugal.

Os principaes estabelecimentos photographicos de Lisboa e Porto enviaram a este concurso da industria universal producções que muito os acreditaram.

Quanto a desenhos, eram muito notaveis, entre outros, os que expozeram os srs. *João Antonio Corrêa; João Baptista Ribeiro*, director da academia polytechnica do Porto; *Alfredo de Andrade; e João Barbosa Lima.* Este ultimo apresentou um desenho a lapis sobre madeira, para se gravar, representando o castello e convento de Thomar, que é um trabalho de grande perfeição. Não tardará que os nossos leitores possam ajuizar d'esse trabalho por uma excellente gravura que brevemente publicaremos.

Mencionaremos aqui, não obstante a sua collocação em outra sala, duas obras de muito primor. Eram dois desenhos feitos a penna, representando um d'elles o *casamento de Nossa Senhora com S. José*, e outro a *Virgem sentada na cadeira*, cópia de um quadro de Raphael Sanzio de Urbino. Tiveram por auctores, o primeiro ao sr. *Domingos Nunes Godinho*, de Lisboa; e o segundo ao sr. *Fernando Nunes Godinho*, professor de desenho linear na cidade de Evora.

No centro d'esta mesma sala via-se uma brilhante collecção de obras de esculptura, vindas de Italia dois mezes depois da abertura da exposição internacional. Constava essa collecção de muitos bustos e estatuas de differentes tamanhos, esculpidos primorosamente em marmore de Carrara.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

APPARELHOS RESPIRATORIOS DE GALIBERT

Entrar sem perigo nos andares ou lojas cheios de fumo ou vapores asphyxiantes, nas espeluncas não desinfectadas, em canos ou poços invadidos por gazes improprios para a respiração; em uma palavra, entrar em todos os logares infectados de emanações deleterias, sem perigo, tal era o problema cuja solução se não encontrára, como provam os innumeros e lamentaveis desastres que as gazetas tem referido.

O engenheiro francez Galibert encontrou esta solução depois das experiencias a que procedeu com o melhor resultado; e tanto que o seu invento póde julgar-se como de grandissimo beneficio para a humanidade.

O systema de Galibert não tem orgãos mecanicos; não emprega reservatorio de ar comprimido, nem bomba, nem regulador de escoamento; e, além d'isso, como se observou, nem carece de resguardo para se conservar prompto a funccionar em todas as occasiões.

Os apparelhos de Galibert tem duas fórmas, que descreveremos conforme a explicação que d'elles deu o inventor.

Consiste o primeiro em um reservatorio de ar da capacidade de 110 litros, pouco mais ou menos, e que permitte que um individuo se exponha ao gaz mais asphyxiante, incluindo o acido sulphureo. Ligam-se a este reservatorio, que se enche por meio de um folle especial, as extremidades de dois tubos. As duas outras extremidades são fixadas a uma especie de bocal de osso, que o operador conservará com leve pressão dos dentes. Estando cheio o reservatorio, no que se consomem trinta segundos, o operador o ajustará no dorso com garupas, como se fosse moxila; depois applicará nos olhos os oculos especiaes, e no nariz o pequeno instrumento, que são os accessorios do apparelho.

O operador aspira pelos dois tubos simultaneamente, e faz entrar no reservatorio o ar exhalado pelos mesmos tubos, tendo o cuidado de exercer as funcções respiratorias o mais lentamente que seja possivel.

O peso do apparelho, incluindo os accessorios, não excede, para o modêlo maior, 1 kilogramma e 600 grammas. Juntando o peso do folle que enche o reservatorio, e da caixa de folha de Flandres, onde se guarda tudo, o peso total eleva-se a 3 kilogrammas e 850 grammas.

O operario, com este apparelho, está livre nos movimentos e irá sem difficuldade a todos os pontos onde seja necessaria a sua presença. Antes de ter exhaurida a provisão do ar, póde ter já salvado alguma victima ou subtrahido á destruição das chammas valores importantes e objectos preciosos.

Além d'isso, o operador não carece de exercitar-se para se habituar ao uso d'este apparelho, e póde penetrar em vastos edificios, pois lhe será facil mudar o reservatorio sem retrogradar e sem perder com isso tempo.

A segunda fórma, que é principalmente usada quando se pretenda evitar a acção dos gazes mephyticos, em profundidades de muitos metros, poços, canos de despejo, etc., e demorar-se mais ou menos tempo, consiste em dois tubos de *caoutchouc*, que podem resistir a alta pressão, e que se ajustam á cintura do operador por modo que lhe deixe liberdade nos movimentos. Uma das extremidades d'estes tubos liga-se a um bocal, similhante ao que se emprega no reservatorio de ar.



Apparelhos respiratorios de Galibert

Assegura o engenheiro Galibert, que com este apparelho se póde operar por tempo illimitado, mas offerece o inconveniente de obrigar o individuo a retrogradar, o que, nos casos de incendio, é mui perigoso. O apparelho de reservatorio de ar evita este inconveniente, e isto é o que constitue a sua superioridade sobre os apparelhos empregados até hoje e alimentados por bombas.

Differe no modo de empregar-se a segunda fórma de apparelho, do que acima descrevemos: pois, em vez de se aspirar pelos dois tubos, serve-se o operador de um apenas; um dos tubos deve servir, com effeito, para a introducção do ar que se aspira, e o outro para a saída do ar que se expira. O operador applicará a lingua sobre o orificio da direita em quanto durar a aspiração, e logo que principiar a expiração applical-a-ha ao da esquerda, e assim por diante; advertindo-se, porém, que, embora esta operação seja difficil na apparencia, é facil, e que qualquer erro nos movimentos não prejudica o individuo.

Os apparelhos reservatorios de que nos occupâmos, tão commodos e seguros, tem-se vendido por preços razoaveis.

O engenheiro Galibert, como dissemos, fez diversas experiencias com os seus apparelhos, tanto em Paris como em outras povoações da França, assistindo a ellas as corporações mais interessadas nos resultados, taes como os engenheiros de pontes e calçadas, o conselho de hygiene publica, as companhias de sapadores-bombeiros, a administração da limpeza, a companhia do gaz, etc. Os relatorios enviados por estas corporações para a estação superior são mui lisongeiros para o engenheiro Galibert.

Collige-se dos indicados relatorios, que o proprio inventor, servindo-se dos apparelhos, entrára em canos de despejo não desinfectados, em casas invadidas por fumo proveniente da combustão de palha humedecida, de aparas de sola e *caoutchouc*, e por vapores sulphurosos. O inventor, consumindo n'estas experiencias doze minutos, podendo, todavia, consumir trinta sem risco, saíra com a physionomia sem vestigios de padecimento, e tal confiança incutíra isto, que muitos espectadores se haviam servido dos mesmos apparelhos para affrontar propriamente as emanações asphyxiantes. Todos os testimunhos são unanimes a favor da excellencia dos apparelhos.

Cabe, pois, ao engenheiro Galibert a gloria de ter encontrado simples e economicamente a solução de um problema que interessa a humanidade em tão alto grau, que deve preservar a vida dos operarios, e não só facilitar os trabalhos difficeis, perigosos e considerados até hoje impossiveis, senão tambem deixar que se torne mais efficaz a generosa dedicação de innumeros individuos sem que lhes esteja a vida em risco.

Desejariamos, por ultimo, que a municipalidade de Lisboa, que não haverá ainda muito reformou, até onde lhe foi possivel, o material do serviço dos incendios, comprasse algum dos apparelhos respiratorios, e o mandasse experimentar, para dotar as companhias dos bombeiros com este novo e importantissimo auxilio. Quando se dê um sinistro, como o que presenciámos em 1863, ou como o que ha dias occorreu em Braga, onde se perderam tantos e tão importantes papeis, havendo os apparelhos que indicámos, as perdas podem e devem ser menores.

A municipalidade de Lisboa não deixará, porventura, de attender a isto. B. A.

THEMAS CLASSICOS

As linguas de Galliza e Portugal ambas eram antigamente quasi uma mesma nas palavras, nos diphthongos, e na pronunciação que as outras partes de Hespanha não tem.

Da qual lingua gallega se avantajou tanto a portugueza, quanto vemos na cópia e elegancia d'ella. O que se causou por em Portugal haver reis e corte, que é a officina onde os vocabulos se forjam e pulem, e d'onde manam para os outros homens, o que nunca houve em Galliza.

Duarte Nunes de Leão — *Desc. de Port.*

Muitas vezes, entrando pelos ouvidos duas verdades, sae pela boca uma mentira. P. Vieira — *Sermões*.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio